



**TATIANA
SALEM LEVY**

**a chave
de casa**

ELSINORE

À minha irmã, Dina, com amor.

*Dizem que o tempo ameniza.
Isto é faltar com a verdade.
Dor real se fortalece
Como os músculos, com a idade.*

*É um teste no sofrimento
Mas não o debelaria.
Se o tempo fosse remédio
Nenhum mal existiria.*

EMILY DICKINSON
Tradução de Idelma Ribeiro de Faria

Escrevo com as mãos atadas. Na concretude imóvel do meu quarto, de onde não saio há longo tempo. Escrevo sem poder escrever e, por isso, escrevo. De resto, não saberia o que fazer com este corpo que, desde a sua chegada ao mundo, não consegue sair do lugar. Porque eu já nasci velha, numa cadeira de rodas, com as pernas enguiçadas, os braços ressequidos. Nasci com cheiro de terra úmida, o bafo de tempos antigos sobre o meu dorso. Por mais estranho que isso possa parecer, a verdade é que nasci com os pés na cova. Não falo de aparência física, mas de um peso que carrego nas costas, que me endurece os ombros e me torce o pescoço, que me deixa dias a fio — às vezes um, dois meses — com a cabeça no mesmo lugar. Um peso que não é apenas meu, pois já nasci com ele. Como se toda vez que digo «eu» estivesse dizendo «nós». Nunca falo sozinha, falo sempre na companhia desse sopro que me segue desde o primeiro dia.

Um sopro que me paralisa. Uma espécie de fardo. Pesado. Mais do que isso: bruto, acimentado, capaz de me tirar todas as possibilidades de movimento, amarrando as articulações uma à outra, colando todos os espaços vazios do meu corpo. Não que eu seja uma pessoa triste. Não se trata de ser ou não ser feliz, mas de uma herança que trago comigo e da qual quero me livrar. Nem que para isso tenha de correr riscos sem medida, nem que para isso tenha de me desfazer de tudo o que construí até hoje, de tudo o que acreditei ser a minha vida. Estou num ponto em que preciso mudar a direção do barco, ou então serei capturada pelo olhar de Medusa e me tornarei pedra, lançada ao mar.

No entanto, as palavras me escapam, a história ainda não existe. Enquanto os músculos pesam e permanecem, o sentido se esvaece. Quem sabe aos poucos, quando conseguir dar os primeiros passos, quando conseguir me libertar do fardo, não consiga também dar nome às coisas? E por isso, só por isso, escrevo.

[Você não imagina o alívio que acabo de sentir. Há quanto tempo você está esparramada nessa cama, inamovível? Há quanto tempo lhe peço para se levantar?] Não sei, desconheço a resposta. Pode ser uma semana, um mês, um ano, ou mesmo uma vida. Sinto-me às vezes um bloco de cimento, às vezes uma nuvem diluída, não percebo sequer a minha forma, os meus contornos. Quero sair do lugar, mas duvido se é essa a melhor escolha. [Não desanime. No início de uma partida, não existem escolhas melhores ou piores, apenas escolhas. É cedo para um julgamento.] Mas e se eu errar? Se me afundar ainda mais nesse poço de imprecisão e incerteza? Que garantia tenho de que não tropeçarei em mim mesma? [Não posso lhe garantir nada. Só posso prometer uma coisa: arrisque-se, e estarei sempre pronta a lhe estender a mão.]

Para escrever esta história, tenho de sair de onde estou, fazer uma longa viagem por lugares que não conheço, terras onde nunca pisei. Uma viagem de volta, ainda que eu não tenha saído de lugar algum. Não sei se conseguirei realizá-la, se algum dia sairei do meu próprio quarto, mas a urgência existe. Meu corpo já não suporta tanto peso: tornei-me um casulo pétreo. Tenho o rosto abatido, olheiras muito mais velhas do que eu. Minhas bochechas pendem, ouvindo o chamado da terra. Meus dentes mal conseguem mastigar. Sinto um incômodo abissal, como se a gravidade agisse com mais intensidade sobre mim, puxando duas vezes meu corpo para baixo.

Não tenho a mais ínfima ideia do que me aguarda nesse caminho que escolhi. Da mesma forma, não sei se faço a coisa certa. Muito menos se existe uma lógica, uma explicação admissível para essa empreitada. Mas ando em busca de um sentido, de um nome, de um corpo. E por isso farei essa viagem de volta, para ver se não os esqueci perdidos por aí, em algum lugar ignoto.

Sem me levantar, pego a caixinha na mesa de cabeceira. Dentro dela, em meio a pó, bilhetes velhos, moedas e brincos, descansa a chave que ganhei do meu avô. Tome, ele disse, essa é a chave da casa onde morei na Turquia. Olhei-o com expressão de desentendimento. Agora, deitada na cama com a chave nas mãos, sozinha, continuo sem entender. E o que vou fazer com ela? Você é quem sabe, ele respondeu, como se não tivesse nada a ver com isso. As pessoas vão ficando velhas e, com medo da morte,

passam aos outros aquilo que deveriam ter feito, mas, por razões diversas, não fizeram.

E agora cabe a mim inventar que destino dar a essa chave, se não quiser passá-la adiante.

Você escondeu o quanto pôde, evitou a palavra até onde foi possível. Você me assegurou de que não morreria doente. De que não morreria. Você se assegurou disso, agarrou-se a essa certeza que criara para si, mas também para mim. Eu acreditei, você não morreria. Assim podíamos viver tranquilas: criávamos o nosso mundo, o nosso mundo sem morte, e nele vivíamos. Assim não tínhamos com o que nos preocupar: criávamos as nossas certezas, e vivíamos sem dúvidas. Acompanhei a sua fantasia, entrei com você no jogo. Evitávamos juntas a palavra e seguíamos adiante.

Você escondeu o quanto pôde, até o dia em que não pôde mais. No princípio, simplesmente recuávamos o olhar do seu ventre crescendo, do seu pescoço inchando, mas com o tempo fomos obrigadas a ver o que não queríamos. Você tinha uma barriga de grávida, gânglios espalhados pelo pescoço, embaixo do braço, na virilha. Cansava-se com pouco. Enjoava. Vomitava sangue. Era a realidade querendo vencer a nossa fantasia: não podíamos mais viver no nosso mundo, estavam nos chamando. A palavra que não queríamos dizer exigia ser dita, pronunciada pausadamente, com todas as letras. Nosso pacto caía por terra.

Você estava sentada no sofá com ar de derrota quando me aproximei e sussurrei em seu ouvido: não faz mal. Se tiver de mudar de mundo, iremos juntas. Não importa aonde for, faremos outro pacto e, se mais tarde for preciso, outro, e depois outro e outro e outro. Faremos quantos pactos forem necessários, mudaremos de mundo quantas vezes nos exigirem, mas uma coisa é certa: minhas mãos estarão sempre coladas às suas.

Não faço outra coisa senão olhar, tocar, observar a chave. Conheço seus detalhes de cor, o tamanho preciso de suas curvas e de sua argola, seu peso, sua cor gasta. Uma chave desse tamanho não deve abrir porta alguma. A essa altura já deveriam por certo ter mudado, se não a porta, certamente a fechadura. Seria um disparate acreditar que tanto tempo depois a chave da casa permaneceria a mesma. Tenho certeza de que até meu avô é consciente disso, mas também imagino que ele deva ter uma curiosidade enorme de saber se ainda está lá o que deixou para trás. Que coisa estranha, que coisa esquisita deve ser: largar o país, a língua, abandonar a família em direção a algo completamente novo e, sobretudo, incerto.

Ele me contou que o navio onde viajou era descomunal, seu primeiro e único navio. A embarcação estava abarrotada de pessoas, todas com a mesma esperança que ele: conseguir vida melhor em país diferente. Dos irmãos, foi o primeiro a vir, apenas uma mala na mão e alguns contatos no Brasil. Não tinha mais do que vinte anos quando deixou a Turquia. Tempos depois, o irmão mais novo se juntaria a ele. A irmã gêmea faleceria de tuberculose. O irmão mais velho casaria e continuaria em Esmirna. A mãe, ele só reencontraria longos anos mais tarde, quando, viúva, decidiu se mudar para o Brasil.

Quantas vezes não ouvi essa mesma história? A dor de nunca mais ter visto o pai e a irmã, de nunca mais ter pisado na terra que primeiro fora sua. A dor de só ter trazido a mãe a tempo de perdê-la. E, agora, o que ele quer? Que eu vá atrás da sua história, recuperar o seu passado? Por que essa chave, essa missão descabida?

[A história não é só dele, a vida nunca é de uma única pessoa. Se lhe entregou a chave é porque acredita que ela faça parte da sua história. Você conhece o meu pai, nada para ele é sem razão. Ele poderia ter dado essa chave a mim ou a um dos meus irmãos, mas nunca o fez. Não conheci a Turquia e agora já não posso mais. Poucas vezes ouvi as histórias de sua vinda. Não estou querendo dizer que haja um destino, uma missão que só você possa cumprir. Você sabe, poucas pessoas são tão céticas quanto eu. Mas tampouco acho que possamos estar por aí a refutar o que nos oferecem. Quanto tempo faz que você está abandonada nessa cama? Talvez essa seja uma boa maneira de se mexer, sair do encarceramento desse quarto para ir a um país desconhecido. Acredite nessa história que seu avô lhe oferece, vá em busca da sua casa e tente abrir a porta. Reconte a história do seu avô, reconte a minha também. Conte-as você mesma. Não tenha medo de nos trair. Tome essa possibilidade como uma chance de sair do lodo onde se soterrou. Mesmo que não dê em nada, que não ache casa alguma, que não reencontre a parte da família que lá ficou, não importa. Ao menos conhecerá novos — e tão antigos — ares.]

Ela parecia um embrulho negro quando veio se despedir do filho. Vêu, vestido, sapatos, olheiras, boca, tudo azul de tão preto. Vestia-se como se fosse a um enterro. O pai, por sua vez, tinha o ar mais descontraido. Trazia no corpo uma roupa do dia a dia: camisa de linho abotoada até o pescoço e para dentro da calça. O cinto avermelhado não combinava com o sapato marrom. Tinha no rosto a expressão de mais um dia como outro qualquer, embora soubesse — e sentisse no peito — que se tratava de um dia diferente. Era como se a casa toda soubesse, mas não o dissesse: os pais, os irmãos, mas também o teto, as paredes, a louça por lavar, a sala arrumada, as almofadas laranjas em seus exatos lugares, uma em cada assento do sofá, a lâmpada do abajur acesa, os quartos ainda escuros, tudo e todos carregavam nesse dia uma dor muda, um medo mudo, uma ansiedade muda. Era o silêncio que pesava, pedindo a alguém que parte: por favor, fique. Formavam uma fila por ordem de tamanho: primeiro o menino pequeno, depois a menina — sua irmã gêmea —, depois o irmão mais velho, depois, quebrando a ordem, o pai, o mais alto de todos, e, finalmente, a mãe. A porta ainda estava fechada, e por isso era pouca a luminosidade dentro da casa. Apenas o abajur aceso e um feixe de luz amarelada, muito sutil, que entrava pela janela da cozinha. Já deviam estar em pé à sua espera há alguns minutos. Não trocavam nenhum olhar, não se falavam.

Quando ele entrou na sala, vindo do quarto, não se assustou com a família ao lado da porta, apenas entendeu que era chegada a hora. Carregava uma mala na mão direita e um sobretudo

na outra. Olhou atento ao redor, como se pretendesse registrar na memória toda a constituição da casa, o lugar de cada objeto. Tinha medo de esquecer. Afinal, não era esse o motivo de sua partida, mas a necessidade de tentar uma vida nova, em algum lugar em que pudesse florescer. Havia também o exército: se não deixasse a Turquia, teria, como seu irmão mais velho, de servir. Por isso, ia rumo ao Brasil, onde tinha primos e amigos. Venha, a situação aqui é farta, temos inúmeras possibilidades de ganhar bem a vida, diziam todos. Venha, estão precisando de pessoas jovens e cheias de disposição, como você. Sim, eu vou, aguardem-me, estou chegando. Mãe, pai, vou-me embora, vou para o Brasil encontrar a minha sorte. No rosto dela, uma desilusão macerada. Desde então, não dirigiu mais a palavra ao filho, tampouco ao marido, como se fosse ele o culpado. Mal comia, mal dormia. Mas ele não vacilou, conhecia a mãe, não esperava reação mais branda.

Aproximou-se do pequeno e, repousando a mala no chão, segurou seus braços, levantando-o no ar. Eram doces as palavras que lhe dizia, como devem ser as palavras de um irmão mais velho. Com a menina não foi diferente, exceto por seu rosto em lágrimas, que o fez chorar também. Só não podia desabar. Não podia ceder à dor, do contrário não seguiria seu caminho. O choro fazia parte de sua escolha. Em seguida, abraçou o irmão mais velho, e foi a sua vez de escutar conselhos. O mesmo fez o pai, mas com um tom severo. Que não desandasse, não cedesse ao pecado da carne nem da bebida, que trabalhasse como um bom membro da família e, sobretudo, que não deixasse de enviar notícias.

Por último, o momento temido por ele e os outros, a despedida da mãe. Ele sentia no peito uma culpa imensa, uma culpa que carregaria viagem afora, vida afora. Ela segurava um embrulho,

mantimentos para a viagem. Quando ele se aproximou, ela lhe estendeu o embrulho. E foi só. Não lhe dirigiu o olhar, não insinuou abrir a boca nem gesticular. Como quem diz: pegue-o e vá embora, não quero prolongar esse momento. Ele compreendeu a sua vontade. Em silêncio, tomou o que lhe era destinado e abriu a porta. Já não pôde retornar o olhar, seu corpo o incitava a seguir adiante. Foi-se, deixando atrás de si a porta ainda aberta, a casa em silêncio.

A mãe segurou então a maçaneta e, sem esforço, fechou a porta. Depois girou a chave na fechadura. O momento era inquietante, todos aguardavam a sua reação, certos de encontrar em seu semblante uma expressão sofrida, um choro, ainda que apenas anunciado. No entanto, ela fechou a porta e num relance foi acometida por uma espécie de certeza sem certeza. Em vez de chorar, em vez de provocar condolência nos outros, sorriu: quem sabe não volte a vê-lo algum dia?

Não há nada que me angustie tanto quanto me despedir de alguém: tchau, adeus, *au revoir*, até breve, até nunca mais. Quando eu era pequena, quando mal sabia dar nome ao que sentia, você partia toda manhã. Como partem todos, de manhã cedo, depois do café. Sabia que você voltaria à noite, mas e se não voltasse? Cada manhã, a mesma dor, o mesmo choro: por favor, não parta, não me deixe só, fique comigo, passe o dia comigo, venha à escola comigo, ao parque comigo, assista à televisão comigo, leia quadrinhos comigo, almoce comigo. Tenho que ir, você dizia, mas à noite a gente se vê, acalme-se, está tudo bem. Você voltava, sempre voltou, cumpria a sua palavra. Mas, na manhã seguinte, a mesma dor: eu, na frente da porta, impedindo a sua passagem. Que não fosse, sentia que algo de ruim iria acontecer. Não acontecia, nunca acontecia. A dor era minha, só minha: o meu medo era a minha dor. [Eu só estava indo ao trabalho, não iria abandoná-la. De onde esse medo da separação? De onde essa dor precipitada? Não sabia como reagir diante do seu choro desesperado, desproporcional. Seu choro sem justificativa. Eu me perguntava se havia feito algo de errado, se a culpa era minha.] Com o tempo, compreendi que você tinha mesmo de partir, mas nunca deixei de sentir medo. Apenas me controlei, minha idade não permitia mais determinados comportamentos. Por dentro, tudo igual. Quando você saía, eu ia para o quarto e chorava baixinho, sozinha, escondendo as lágrimas até de mim mesma. Só não podia fechar os olhos, senão começava a imaginar tragédia atrás de tragédia. Por isso,

ligava a música no volume máximo e começava a dançar. Dançava, dançava e dançava até ter a certeza de que o medo não estava mais lá.

Eu me lembro bem: você levava uns livros embaixo do braço, uma pasta de couro claro na mão. Passamos um pelo outro no corredor do sexto andar. Olhamos um nos olhos do outro. E desviamos o olhar acanhadamente, mas já capturados, presos ao que estava por vir. Não sei se você olhou para trás depois que saímos do mesmo horizonte. Eu estava aflita para ver o seu caminhar de costas, mas fui tomada por um formigamento e só continuei andando porque meu corpo me levava, mas a verdade é que eu estava paralisada, tomada por esse sentimento que, por mais que tente, não consigo nomear. Levou algum tempo para que nos encontrássemos de novo. Não sei quanto ao certo, mas em todo caso não o suficiente para tirar do corpo o formigamento, essa comichão que raras vezes nos atravessa a vida, nos pega de surpresa, mas nos dá sempre a impressão de que estava à espreita.

No térreo, em direção ao ponto de ônibus, arrastava os pés em ritmo compassado, como se estivesse dançando cantigas de infância, serelepe. Fazia tempo não sentia leveza tão porosa me acariciando o rosto, o corpo. E por tão pouco. Não precisava de mais nada, não precisava saber quem você era, com o que trabalhava, de onde vinha, se era comprometido. Tinha o rastro do seu olhar no meu antes de conhecer o seu nome, e isso me bastava.

Nasci no exílio: em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não teria sido menos penoso, menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? Por que tivemos de sair do lugar para voltar ao mesmo lugar?

Nasci no exílio, onde meus pais estavam sem querer estar. Nasci fora do meu país, no inverno, num dia frio e cinzento. Duas horas de contração sem poder parir, porque eu não tinha virado e a anestesista não estava lá. Penou, a minha mãe, para me ter. E, quando vim ao mundo, ela nem pôde me segurar nos braços, tinham-lhe dado anestesia geral. Pior, quando acordou, percebeu que lhe tinham feito um corte na vertical. Teria para sempre a cicatriz do meu nascimento, um traço reto em relevo unindo o vão entre os seios ao púbis.

Nasci no exílio, e por isso sou assim: sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra — mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?

PRÊMIO SÃO PAULO DE LITERATURA

A dolorosa perda da mãe, um amante violento, as origens longínquas que seduzem como sereias. Estes são os temas deste romance de Tatiana Salem Levy, história de uma mulher do Rio de Janeiro, nascida em Lisboa e descendente de judeus sefarditas, cujo avô, antes de morrer, lhe dá a chave da sua antiga casa em Esmirna, na Turquia. Incitada a partir, a protagonista embarca numa peregrinação, numa jornada íntima de redescoberta das suas raízes e de reinvenção de si própria, porque esta mulher não é apenas uma mas muitas, é memória, dor e silêncio.

Obra polifônica de cariz autobiográfico, que se insere na linhagem literária de Marguerite Duras, Virginia Woolf ou Clarice Lispector, *A Chave de Casa*, romance de estreia galardoado com o Prémio São Paulo de Literatura, consagrou Tatiana Salem Levy como uma das vozes mais singulares da literatura brasileira contemporânea. Há muito esgotado em Portugal, conhece agora uma nova edição revista pela autora.

«Com uma prosa intimista, combinando delicadeza e vigor, eis uma voz extraordinária da nova literatura brasileira.»

O GLOBO

«Com Tatiana Salem Levy, tudo vem diretamente do coração: a dor, o amor, o desejo, a morte. Um romance de cortar a respiração.»

LA LIBERTÉ



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-769-4



9 789895 837694